



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO
E O CATOLICISMO ROMANIZADO EM PARINTINS, AMAZONAS**

GT 11: HISTÓRIA DA IGREJA NA AMAZÔNIA:
AÇÕES EPISCOPAIS, ASSOCIAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS

Rosimay Corrêa¹

¹ Doutoranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Orientadora da pesquisa: Iraildes Caldas Torres. E-mail: rosimaycorrea@bol.com.br

Introdução

A presença da Igreja Católica no Brasil remonta à chegada dos portugueses no século XV, sendo celebrada a primeira missa pelo franciscano Frei Henrique de Coimbra. Este fato marca o início de um processo de dominação da cultura europeia sobre os povos indígenas que habitavam estas terras.

De acordo com Silva (2004) as primeiras expedições na Amazônia foram feitas no século XVII em nome das coroas espanholas, francesas e portuguesas. A busca por novas terras e metais preciosos impulsionou as navegações rumo ao Novo Mundo. A fundação do forte do Presépio assegurou a conquista destas novas terras. Como se lê: “A fundação do Presépio por Francisco Caldeira de Castelo Branco, em 1616, assegurou aos portugueses a possibilidade de penetrar pelo interior da região” (REIS, 2008, p.14) que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha.

De acordo com Silva (2004), as Ordens religiosas dos capuchinhos, carmelitas, mercedários, franciscanos e jesuítas exerceram um papel ímpar para a conquista espiritual e política da Amazônia. Eles reuniam os indígenas nas missões para catequizarem, utilizando-os como mão-de-obra e ensinando-lhes através da língua geral ou nheengatu a cultura de seu estado, e, também, mediavam os conflitos entre colonos e índios.

O papel pedagógico dos padres foi extremamente importante para a conversão e dominação de muitos grupos indígenas, bem como para os registros dos modos de vida destes povos, como os realizados por Pe. João Daniel, *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*, e Pe. Samuel Fritz, *O diário do Pe. Samuel Fritz*.

A cultura indígena foi influenciada pelos portugueses e africanos no decorrer do tempo formando a cultura brasileira, em especial a amazônica a que é marcadamente indígena. Como diz Galvão (1976, p. 02): “Dessa amálgama resultou uma cultura regional, em que repontam, com mais intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias”.

Uma das influências trazidas pelos portugueses foi a prática das festas religiosas, especialmente as dedicadas aos santos padroeiros. Foi durante o regime do Padroado que esta prática teria sido implantada nas terras brasileiras, como se lê:

Aqui, o regime do padroado, que colocava um anteparo diante das determinações emanadas de Roma, a serem seguidas pelos bispos e ordens religiosas, graças à mediação do Estado. Isso é apontado pelos historiadores da Igreja, no Brasil, como uma das razões para a formação do catolicismo tradicional brasileiro, com suas características próprias, voltado para o social, para o comunitário das festas e devoções (MAUÉS, 1995, p. 38).

Na Amazônia estas festas teriam se proliferado durante o século XIX. Braga (2007) resalta que haviam registros delas desde o século XVIII no Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, dedicado a São Joaquim, assim como, Pe. João Daniel, também, fez referência à festa do Sairé em Alter do Chão pertencente ao município de Santarém, estado do Pará.

A proposta deste artigo é discutir sobre a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo no município de Parintins, localizado no Baixo Amazonas, distante a 370 Km em linha reta da capital, Manaus. Apresentando algumas características acerca de sua organização, devoção e elementos que apontam para uma mudança ocorrida com a vinda dos Padres pertencentes ao PIME- Pontifício Instituto das Missões Exteriores, presentes nesta cidade desde 1955. Para este fim, este artigo segue as seguintes partes:

I- Apresentar os conceitos de religiosidade popular e festas a partir dos estudos de João de Deus Gois, Isidoro Alves, Eduardo Galvão e Heraldo Maués;

II- Caracterizar o catolicismo tradicional e o renovado com base nos autores, Riolando Azzi, Pedro A. de Oliveira Ribeiro e Manuel do Carmo Campos;

III- Descrever a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo em Parintins, Amazonas, analisando alguns aspectos referentes ao catolicismo tradicional e ao renovado com base na pesquisa de campo realizada no período de 06 a 16 de julho de 2017.

As técnicas de coleta de dados utilizadas foram a entrevista estruturada e a observação participante, tendo como base metodológica a fenomenologia. Este método se propõe à busca da essência através do estudo dos fenômenos e supõe que “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13). A pesquisa bibliográfica contribuiu para iluminar o campo de pesquisa, possibilitando a compreensão deste processo de romanização do catolicismo neste município através do estudo da festa de sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo.

A religiosidade popular e as festas de padroeiro nos estudos de João de Deus Gois, Isidoro Alves, Eduardo Galvão e Heraldo Maués

O termo religiosidade popular é bastante complexo, mas importante para se relacionar religião e cultura. Este termo revela alguns valores essenciais que permitem perceber a busca do sentido da vida e da morte nas sociedades humanas. Entre um polo e outro, o povo desenvolve práticas e crenças para lidar com estas realidades. Para Gois (2004, p. 11), a religiosidade popular “[...]”

abrange todas as formas de religiosidade existentes entre nós, sem dúvida também o catolicismo, porém inclui o protestantismo popular (mormente as 'seitas'), os sincretismos afrobrasileiros, os remanescentes das religiões indígenas, etc.”.

Conforme os estudos deste autor, “A religiosidade popular tem afinidade com o povo (maioria pobre), pois é somente no povo que esta religiosidade é coerente com a cultura” (2004, p. 12). O povo constrói sua própria interpretação acerca do fenômeno religioso ao qual está culturalmente inserido, podendo ou não estar de acordo com as concepções defendidas pela religião oficial. Mas é de interesse da Igreja Católica atual, conhecer essas manifestações religiosas e apropriar-se dos aspectos considerados relevantes para o fortalecimento da fé, disciplinando aqueles considerados incoerentes com a doutrina católica.

Ainda para este autor, “A fé é um dom de Deus; religiosidade é um produto do coração do homem” (2004, p. 19). Isto significa que todos os homens e mulheres possuem uma dimensão espiritual que leva à religiosidade. Este aspecto humano é desenvolvido conforme as relações sociais vivenciadas no espaço e no tempo, repassadas de geração a geração.

A devoção aos santos é uma expressão da religiosidade popular que teria surgido no século II com o mártir Policarpo, bispo de Ermina, na Ásia Menor. Ele teria sido condenado à fogueira por se recusar a negar sua fé. O relato de sua morte foi enviado à comunidade de Filomélio, na Frígia. Além da morte de Policarpo, esta carta expõe que o povo cristão pediu os restos mortais do mártir ao governador que não atendeu o pedido, porém o povo cristão recolheu os restos mortais do bispo. Na carta, eles dizem o seguinte: “Nós recolhemos seus ossos, que para nós valem mais do que ouro e pedras preciosas, e lhes demos sepultura. A seguir celebramos, com alegria, a nossa reunião eucarística, como mandou o Senhor, para comemorar o aniversário de seu mártir” (GOIS, 2004, p. 76).

A tradição da festa do santo corresponder ao dia de sua morte teria surgido deste fato. Homenagear o santo através de uma festa é uma prática trazida pelos portugueses. Braga (2007) chama a estas manifestações de *Festas Amazônicas*, conceito que abrange as práticas culturais presentes nas cidades e áreas rurais com características indígenas, europeias e afro-descendentes na Amazônia, em especial ao Amazonas.

A festa do padroeiro é uma destas práticas na qual se expressa a religiosidade popular. Geralmente, é organizada pelo pároco e sua equipe conforme a cultura local. A fé pode ser expressa através do acender velas, procissão, romaria, amarrar fitas e fazer promessas ao santo de devoção.

Em Belém no estado do Pará, a festa de Nossa Senhora de Nazaré representa uma forte expressão popular, representando ao mesmo tempo uma festa religiosa devocional sob o comando do pároco ou de uma Diretoria, como também é uma festa popular, “ [...] proporcionadora de manifestações mais livres e espontâneas não submetidas aos rigores litúrgicos ou às regras impostas pela autoridade sacral” (ALVES, 1980, p. 15).

A narrativa mítica da devoção a Nossa Senhora de Nazaré conta que a sua imagem foi encontrada por um caboclo chamado Plácido por volta do século XVIII. Este levou a imagem para sua casa, mas para a surpresa dele, ela teria voltado para seu lugar de origem. Este fato despertou a curiosidade de muitos, até do governador da época que mandou buscá-la e ordenou que a guardassem sob vigilância no palácio. Para surpresa de todos, a imagem, novamente, havia voltado para o local onde foi encontrada. Neste local foi erguida uma que, após ser ampliada, tornou-se a Igreja da santa, a Basílica de Nazaré (ALVES, 1980).

A imagem de Nossa Senhora Aparecida foi encontrada por pescadores por volta do século XVIII no rio Paraíba, São Paulo. João Alves pescava com seus companheiros quando sua rede capturou a imagem de um corpo, mais abaixo ele conseguiu trazer do fundo do rio a cabeça que unida ao corpo, percebeu-se que era a imagem daquela santa. Depois deste fato, suas redes encheram-se de peixe com tamanha fartura que os pescadores temeram naufragar devido à quantidade de peixes capturados (BOFF, 1995).

O caráter popular presente na origem da devoção de Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora Aparecida destaca a sua ligação com o povo, o homem simples, como diz Alves (1980, p. 70): “em geral são as pessoas ‘simples’, sejam caboclos, camponeses ou nativos, quem as encontram. Assim, supõe-se que os pobres, os desvalidos, os piedosos, os que não dispõem de poder, é que são capazes do milagre da visão do santo”. A origem da devoção a estas santas está ligada ao povo que acredita em milagres e no poder dos santos de intervir na vida dos fiéis.

Além da origem desta devoção, outra característica do popular que Alves ressalta é a procissão. Ela também é denominada de Círio e a última é chamada de Recírio, ambas fazem percurso inverso. A procissão do Círio, marca o início desta festa, é a mais importante. Ela sai pela manhã da Catedral e vai até a Basílica de Nazaré, sendo marcadamente caracterizada pela fé, comção e informalidade, “[...] eles conversam, podem eventualmente parar para fazer um lanche ou tomar algum refrigerante, ou mesmo para comprar um ‘brinquedo’ para as crianças” (ALVES, 1980, p. 50). No Recírio a procissão sai da Basílica e vai até a Capela do Colégio Gentil Bit-

tencourt que fica próximo desta igreja, encerrando o ciclo de procissões e o fim dos festejos em homenagem à padroeira do povo paraense.

A festa de Nazaré possui o caráter popular, as procissões são participadas por praticamente toda a cidade, nas figuras dos devotos e romeiros. Esta festa foi apropriada pelo governo e pela Igreja, representando a romanização, mas não deixou de expressar a fé popular, o que a torna a maior festa religiosa do norte brasileiro. Existe nela a presença política e religiosa ao mesmo tempo, como se lê:

Na história do Círio e da Festa de Nazaré observam-se dois fatos: inicialmente trata-se de uma festa popular, apropriada pelo poder político, que também lhe imprime a sua marca. Assim ao mesmo tempo em que serviria para expressar esse poder afirmativo das ‘massas’ expressaria na verdade relações mais consistentes, daí aparecer como uma espécie de modelo de relações, estruturadas em um determinado momento pelos que a organizam (ALVES, 1980, p. 39).

De acordo com Alves o Círio de Nazaré atende tanto aos interesses dos grupos políticos dominantes quanto aos interesses do povo. A religiosidade popular é muito forte durante esta peregrinação, é ocasião para os pagadores de promessa renovarem sua aliança com esta santa, bem como fazerem seus agradecimentos pelos pedidos alcançados através de sua intercessão.

Outro aspecto que Alves destaca é o Arraial, o “local em que se desenrola a ‘festa’, o ponto de encontro” (1980, p. 75). De acordo com seus estudos, o primeiro arraial foi uma feira, sendo este a característica principal desta parte da festa. O comércio ocorre frente a frente entre comprador e vendedor, a informalidade e o lazer são bastante perceptíveis. Como diz este autor:

A característica principal do arraial são os ‘brinquedos’, termo que indica o parque de diversão, barracas pequenas ou grandes destinadas à venda de bebidas e comidas e as chamadas ‘comidas regionais’ como o tacacá, pato no tucupi, maniçoba, vatapá, etc. (1980, p. 76).

Entre as procissões e o arraial fica difícil apontar a parte mais importante da festa do padroeiro. Nas palavras de Galvão (1976, p. 59): “É difícil afirmar qual a parte mais importante da festa, se as rezas, o baile ou o repasto”. Nas comunidades rurais e pequenas cidades amazonenses são estas festas que possibilitam ocasiões de sociabilidade e fortalecimento de uma identidade, no caso por exemplo para os devotos de Nazaré em Belém, no estado do Pará.

Segundo este autor, as festas de santo têm uma duração variada, podendo se estender entre 02 a 10 dias, e no caso da festa de Nossa Senhora de Nazaré, 15 dias. A sua organização pode

ou não ter a interferência dos padres ou representantes eclesiásticos, nas freguesias, por exemplo, “[...] a pessoa menos desejada em uma ‘festa de santo’ é o padre. Explicam que a presença de um eclesiástico impedirá o baile [...]” (GALVÃO, 1976, p. 60).

As festas que homenageiam os santos da Igreja Católica, quer sejam de padroeiros ou de promessa, aglutinam quantidades enormes de pessoas, pois são compostas de múltiplos fenômenos, como diz Maués (1995, p. 316):

Festas religiosas populares constituem, ademais, por sua própria natureza ritualística, momentos extraordinários na vida das populações ou comunidades que as realizam, possuindo aquele caráter de fato social total de que nos fala Marcel Mauss, onde se exprimem, ‘ao mesmo tempo e de uma só vez’, uma grande quantidade de fenômenos, não só de natureza religiosa, mas também fenômenos jurídicos, morais, políticos, econômicos, estéticos etc.

Estas características das festas religiosas impedem perceber qual destas partes seria a mais importante; talvez, todas elas. A religiosidade popular expressa através das festas é uma forma de manifestação pública da fé e devoção aos santos da Igreja Católica. A alegria, o sacrifício, o respeito, a coletividade, as peregrinações e outros elementos são formas dos católicos se relacionarem com o divino.

O catolicismo tradicional e o renovado nos estudos de Riolando Azzi, Pedro A. de Oliveira Ribeiro e Manuel do Carmo Campos

O catolicismo desenvolvido no Brasil é resultado das adaptações do catolicismo português às culturas indígenas e afrodescendentes, gerando características peculiares. Este catolicismo pode ser classificado em: Tradicional e Renovado.

O catolicismo tradicional teve início no regime do Padroado que, de acordo com Aquino (2011, p. 40), “[...] estabelecia o domínio de um leigo (não clérigo), no caso o monarca português, como chefe efetivo da Igreja. Além disso, o Padroado submetia todas as pessoas ao catolicismo que, com efeito, permeava a vida e a cultura da sociedade colonial”. O monarca exercia os poderes político e religioso, de modo que as ordens religiosas e os leigos estavam sob seu governo, assim todos do reino deveriam seguir a religião do reino.

O catolicismo tradicional predominou até o período do Brasil Império, de acordo com os estudos de Azzi (1976), possuem as seguintes características: luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. É luso-brasileiro, pois muitas práticas tradicionais presentes no catolicismo são

heranças portuguesas, como as devoções aos santos e a crença em milagres, as procissões e as romarias. É leigo porque “a iniciativa de muitas manifestações religiosas é tipicamente leiga” (p.98) responsável pela construção de igrejas e ermidas em homenagem aos santos, os membros do clero eram pagos pela fazenda real, considerados como funcionários públicos. É medieval, pois “[...] é dentro desse contexto medieval que surgem os eremitas e os irmãos, as recolhidas e as beatas, as Ordens Terceiras e as Irmandades, as romarias, as procissões e as inúmeras formas de devoção tradicional” (p. 99). É social porque a vida colonial era basicamente rural onde as festas e outras manifestações religiosas permitiam as poucas reuniões sociais da época; e é familiar, onde predominou o patriarcalismo nas relações socioculturais do período.

Para Azzi (1976), o catolicismo renovado ou romanizado tem as seguintes características: romano, clerical, tridentino, individual e sacramental. É romano, pois a partir do Brasil Império as relações com a Santa Sé estreitaram-se com a chegada de bispos reformadores e congregações religiosas europeias. É clerical porque foram fundadas Congregações de Clérigos Regulares e Confrarias, como por exemplo, a Congregação Mariana e as Doze Mil Virgens sob a instrução dos padres. É tridentino porque o Concílio de Trento (1545 a 1563) objetivou assegurar a unidade da fé católica e disciplinar a moral eclesiástica que estava abalada neste período. Os jesuítas foram, nas palavras deste autor: “a grande força moralizadora da colônia” (p.106). É individual porque este catolicismo incentivava a transformação das pessoas através do exercício espiritual, flagelação e penitência pública. É sacramental, pois a vivência cristã deveria ser orientada pelos sacramentos.

Durante o período colonial os leigos exerciam controle sobre os bens da salvação, porém, a Reforma Católica retirou essa autonomia. Nas palavras de Oliveira (1976, p.137) “[...] a romanização do catolicismo brasileiro só poderia ser efetiva na medida em que o poder religioso fosse transferido dos leigos para os clérigos”. Estes, por sua vez, participaram de formações espirituais mais rígidas, promovendo o afastamento das atividades políticas, evitando situações que levassem à simonia e a outros vícios comuns neste período.

As antigas irmandades e confrarias dirigidas pelos leigos foram substituídas por outras sob a vigilância dos padres, como reforça Oliveira (1976, p. 138):

[...] Ora, o Apostolado da Oração, bem com as outras associações religiosas para leigos, como a Pia Associação das Filhas de Maria, a Liga Católica, a Cruzada Eucarística, a Congregação Mariana e as Conferências Vicentinas – para citarmos as mais comuns- distinguem-se radicalmente das antigas irmandades e confrarias de leigos, sua direção está sempre diretamente subordinada ao vigário [...].

As mudanças na devoção aos santos tradicionais também ocorreram, muitos santos foram substituídos pelos que estavam em voga na Europa, enfraquecendo ainda mais as irmandades e confrarias aos quais estavam vinculados, como diz Oliveira:

[...] Sua estratégia foi a desvalorizar o catolicismo dos leigos, substituindo-o por um catolicismo romanizado. Isto foi feito principalmente por meio da substituição das devoções aos santos tradicionais (como Santo Antônio, São José, São Sebastião, Santa Bárbara, São Benedito, as diversas denominações marianas de origem portuguesa) por devoções em voga na Europa, especialmente as devoções marianas e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, na época em grande florescimento na Europa [...] (1976, p. 137-138).

O atrito entre estas duas formas de catolicismo ocorreu durante o período imperial, o governo viveu embates constantes contra os bispos reformadores. Este conflito foi resolvido no período republicano no século XIX, com a separação da Igreja e do Estado e o fim do Padroado. Assim, o catolicismo tradicional passou a ser considerado inferior ao catolicismo renovado que assumiu o controle sobre os rumos e as regras da Igreja Católica no Brasil.

Em Parintins, Baixo Amazonas, o fortalecimento do catolicismo renovado ocorreu no século XX com a vinda para a Amazônia dos missionários do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME), mais especificamente no ano de 1955. A antiga paróquia de Nossa Senhora do Carmo foi elevada à Prelazia neste mesmo ano, e em 1961, foi elevada ao título de Diocese.

O catolicismo que predominou antes da chegada desses missionários era o tradicional de foliões, bailes, mastro, procissões de canoas, etc., considerado por estes padres como inadequado à doutrina cristã. Note-se que:

Na desobriga, segundo eles, leva-se a catequese a um povo ainda ignorante das coisas de Deus e da Igreja, cheios de vícios da embriaguez, de danças, de brigas e mortes. Praticantes do cavaquinho. O catolicismo romano busca adequar o povo a uma vida sacramental e a uma disciplina rígida (CAMPOS, s/d, p. 4).

As lideranças leigas foram substituídas por membros da Congregação Mariana, Apostolado da Oração e Cruzada Eucarística. As festas aos santos passaram para o controle da Igreja Católica, de modo que, alguns santos foram substituídos por outros, como diz Campos (s/d, p. 5): “[...] pelo posto central que até os santos perderam em diversos municípios na realização das festas e não dando o nome à sede paroquial.” (p. 5). Como exemplo, podemos citar, o Divino Espírito Santo que foi substituído por Nossa Senhora da Conceição no município de Maués, São Sebastião deu lugar a N. Sra. Aparecida em Boa Vista do Ramos e outros.

O controle eclesiástico das festas de santos levou ao desaparecimento de muitas delas onde a diversão, os folguedos e a religiosidade popular predominavam. Isto, no ponto de vista de Campos, representou o declínio do catolicismo do povo. O catolicismo renovado se instalou neste município por via de uma rigidez disciplinar e sacramental que levou seus adeptos a marginalizarem as expressões religiosas populares existentes há tempos nesta cidade.

As manifestações da religiosidade popular podem ser vistas como oportunidade de fortalecimento da cultura, mas também da sua doutrinação correta, tornando as celebrações religiosas mais significativas e menos impositivas para as comunidades. Como diz Gois (2004, p. 8):

A tradição do povo pode enriquecer muito a vida religiosa de uma comunidade. Precisamos conhecer os postulados sobre os quais se assenta a fé do nosso povo. Aproveitar os elos da corrente, que ainda o ligam à fé cristã, como: acender velas, fazer novenas para solucionar problemas, buscar água benta, fazer correntes, participar de procissões etc. Em tudo isso há um dinamismo celebrativo. Por isso, a celebração de nossa liturgia não pode ser esquemática e fria, pois deixaria de atender a um entusiasmo celebrativo das pessoas que frequentam nossas igrejas. É necessário motivar bem o povo à celebração dos mistérios da fé.

De acordo com os estudos de Manuel do Carmo Campos, os missionários do PIME não tiveram esta preocupação com a cultura local ao dizerem que o povo habitante nesta terra era “um povo ainda ignorante das coisas de Deus e da Igreja, cheios de vícios da embriaguez, de danças, de brigas e mortes. Praticantes do cavaquinho”. Ao contrário, já praticava-se um catolicismo, mas este era controlado pelos leigos e fortemente marcado pelas raízes indígenas e africanas, principalmente no aspecto do lúdico, como diz Maués (1995, p. 315): “Esse aspecto lúdico não está ausente dos rituais de pajelança e de outras manifestações religiosas populares, como a umbanda”. O aspecto da informalidade e do lazer, provavelmente, levaram os padres do PIME da década de 1955 a pensarem que as manifestações religiosas dos católicos locais não estavam de acordo com o propósito da Igreja Católica.

A Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo em Parintins, Amazonas

A devoção a Nossa Senhora do Carmo foi introduzida na Amazônia Central² pelos carmelitas por recomendação do EL-Rei ao governador do Pará, em 1694. Estes missionários foram enviados para as regiões dos rios Negro, Madeira, Amazonas e Solimões, concentrando-se, especialmente

² A Amazônia Central corresponde aos estados do Amazonas, Roraima, Rondônia e Acre.

nos territórios de Roraima e Amazonas. De acordo com os estudos de Pe. Ceretta (2008, p.133): “O primeiro carmelita, que trabalhou no Rio Negro, foi Frei João Evangelista que assumiu a povoação fundada pelo Padre das Mercês, Frei Teodósio e por Favela, povoação dedicada a Santa Izabel, junto à bocadura do Tarumã”.

No ano de 1697, os carmelitas foram para o rio Solimões e lá fundaram cerca de 30 (trinta) missões até o ano de 1730. Conforme Frei André Prat (1941 *apud* CERETTA, 2008), no Rio Negro na aldeia de Camatá e em Dary; no Rio Amazonas, na aldeia de Tupinambarana (atual Parintins) e no Rio Branco, na aldeia do Carmo e na aldeia de Cunumá foi introduzida a devoção à Nossa Senhora do Carmo.

O carmelita responsável pela introdução da devoção a Virgem do Carmelo em Parintins foi Frei José Álvares das Chagas, prior do Convento do Carmo em Belém em 1798, por ordem do Governador do Grão-Pará e Rio Negro, Dom Marcos Noronha de Brito, Conde dos Arcos. Este carmelita reorganizou a Vila de Tupinambarana, reunindo novamente uma quantidade considerável de indígenas. “Em pouco tempo, a ilha cresceu e se desenvolveu, através da agricultura e da pecuária, e chegou a 1,7 mil índios catequizados” (REVISTA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, 2005, p. 17).

A festa em homenagem a Virgem do Carmo é realizada nos dias 06 a 16 de julho. Até o ano de 1962, a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo em Parintins funcionou na Igreja que hoje pertence ao Sagrado Coração de Jesus. A sua organização é feita pela Coordenação da Festa, composta pelo pároco e casais engajados nos diversos grupos e movimentos da paróquia e da Diocese de Parintins. A seguir apresentarei uma síntese desta festa que é a maior expressão religiosa dos católicos deste município e da Diocese a qual fazem parte as paróquias de Barreirinha, Nhamundá, Maués, Boa Vista do Ramos e Parintins.

Pela manhã do dia 06, muitos católicos foram ao Cais do Porto para recepcionar a chegada da imagem de Nossa Senhora do Carmo que, há 30 dias, estava em peregrinação pelas Igrejas e casas de devotos na capital do estado do Amazonas, Manaus, sob a responsabilidade do grupo de católicos parintinenses residentes na capital, chamado Flor do Carmelo. Ao sair da embarcação, a imagem foi trasladada até a Igreja de São José Operário em carreata e foi recebida com muita fé e emoção pelos católicos.

Por volta das 17:00h o Círio, procissão que marca o início desta festa, saiu desta igreja e seguiu até a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Nas ruas por onde ela percorreu muitas casas foram enfeitadas das cores amarelo e branco ou com pequenos altares com a imagem de Maria.

A quantidade de pessoas que participaram da procissão, que se aglomeraram nas calçadas ou ficaram nas janelas de suas residências para acompanhar a passagem da procissão foi surpreendente. Segundo dados estatísticos do 11º Batalhão da Polícia Militar de Parintins, cerca de 20 mil pessoas acompanharam o Círio no dia 06 de julho. O percurso foi realizado com orações, cantos e gestos que homenagearam a Virgem do Carmo.

De 06 a 16 de julho, foram realizadas missas diárias às 6:00h, 12:00h, 18:00h (Terço, Novena a Nossa Senhora do Carmo) e às 19:00h. A programação religiosa envolveu os diversos grupos e movimentos que pertencem a todas as paróquias da Diocese e órgãos e instituições públicas e privadas de Parintins. O novenário foi pregado por um carmelita, Frei José Leandro Alencar da Silva, que atua em Pernambuco e foi convidado pelo pároco para participar da festa. Nas suas pregações, ele refletiu sobre o tema: “Maria e as Vocações na Família, na Igreja e no Mundo” e o lema: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser’ (Jo 2,5). Durante esta programação, também, foram realizados Batizados e Casamentos. A Catedral esteve completamente lotada em todas as missas durante os dias de festa.

No dia 14 de julho, por volta das 17:00h o povo católico pôde acompanhar da orla da cidade a *Romaria das Águas*, evento realizado há 10 anos, organizado pelos artistas dos Bois Garantido e Caprichoso sob o comando de Juarez Lima, o idealizador desta homenagem. A romaria saiu do local chamado de “Boca do Limão”, e ao descer o rio Amazonas já próximo da cidade, os barcos soltaram candeias nas águas do rio, criando um cenário maravilhoso que emocionou a todos que assistiam os barcos, as lanchas e as canoas se aproximarem do cais do porto. Na balsa, o pároco realizou orações de agradecimentos e pedidos de bênçãos a Virgem do Carmelo, ao som do Coral composto por membros do Movimento Terço dos Homens e, com a participação dos artistas e convidados.

A missa do dia 15 foi dedicada ao Escapulário³, símbolo da devoção dos carmelitas. A ordem dos carmelitas surgiu na Palestina por volta do século XII, e teve como Superior Geral da Ordem desde 1245, Simão Stock, o qual suplicara à Virgem pela sua proteção contra os seus perseguidores. Esta súplica teria ocorrido em Cambridge no dia 16 de julho de 1251, data que se festeja esta santa. Neste mesmo dia, Maria teria aparecido a este líder e lhe mostrado o Escapulário, dizendo:

³ Do latim *scapula* quer dizer “armadura” ou “proteção”, referente ao osso localizado na região dos ombros e acima do tórax. Simboliza um ato de devoção à Virgem do Carmo.

Filho diletíssimo, recebe este Escapulário de tua Ordem como sinal de minha confraternidade, privilégio para ti e todos os carmelitas, pois todo aquele que com ele morrer não padecerá do fogo do inferno. Eis um penhor de salvação, salvaguarda nos perigos, aliança de paz e pacto sempiterno (CORRÊA, 1982, p. 17).

A missa encerrou com a benção dos escapulários, das pequenas imagens em escultura e papel, terços, água etc, feita pelo frei e pelos padres que se misturaram à multidão. Pôde-se perceber a religiosidade popular através desta demonstração de fé no poder do escapulário.

No dia 16 de julho a Procissão Solene de Nossa Senhora do Carmo saiu às 17:00h da Catedral e percorreu até a sua antiga Igreja, hoje Sagrado Coração de Jesus, passando pelo Porto da cidade onde ocorreu a tradicional queima de fogos sob a direção dos Sindicatos dos Estivadores, Carregadores e Portuários. Os foguetes foram doados pelos devotos e pagadores de promessa. Pôde-se observar, também, a emoção dos católicos ao acompanharem e ouvirem o barulho da queima dos fogos que durou alguns minutos, fazendo lindos desenhos no céu noturno de Parintins.

A procissão seguiu rumo a Catedral acompanhada de cerca 25 mil pessoas, segundo os dados estatísticos do 11º Batalhão da Polícia Militar de Parintins. Durante este percurso alguns pagadores de promessa distribuíram água, velas, bandeiras amarelas e brancas, flores, escapulários, terços; observou-se, também, crianças vestidas de anjo, pessoas descalças, com tijolo na cabeça etc. Ao chegarem à praça da Catedral já se encontrava uma multidão à espera da procissão, foi impossível adentrar a Igreja porque os bancos já se encontravam preenchidos pelo povo. A celebração da missa foi feita pelo atual bispo da Diocese, D. Giuliano Frigeni.

Todas as noites, após as missas, foi realizado o Arraial com uma programação social variada, tendo desfile de Bonecas Vivas⁴, bingos, show de calouros e apresentação musical do cantor Thiago Tomé pertencente à Canção Nova, também foram realizados corrida pedestre, torneio de futebol interlandino (times das comunidades rurais) e leilão. Ao redor da Catedral foram instaladas barracas nos terrenos e área da praça que foram arrendadas aos vendedores. Com a autorização da Polícia Militar e Prefeitura Municipal de Parintins as vias que fazem limite com a praça foram interditadas, principalmente, nas noites de arraial.

As barracas vendem de tudo, de produtos religiosos a alimentos, roupas, artigos de artesanatos, bijuterias etc. Muitos vendedores são de outros municípios que vivem do comércio nas

⁴ São representadas por crianças que disputam o título correspondente àquela que alcançar a maior quantia em arrecadação (em espécie) para a Festa, sob a responsabilidade dos pais da criança e dos líderes do movimento ao qual ela pertence.

festas religiosas nos estados do norte brasileiro. Alguns estavam comercializando na festa de Santo Antônio na cidade de Borba, outros na da festa do Divino em Urucará. As barracas chamam a atenção dos católicos que circulavam entre elas, olhando e, muitas vezes, comprando. O parque de diversão é outro atrativo do arraial, seus proprietários são oriundos do estado do Pará e participam desta festa há mais ou menos 6 anos. Todas as noites o arraial recebeu um número expressivo de participantes. O bingo teve como prêmio principal um carro 0 km que foi “batido” por quatro pessoas. Vale destacar que houve tentativa de fraude, mas segundo um membro responsável da Comissão do Bingo, eles foram avisados através de denúncia anônima que alguém estaria tentando cometer este crime. O acusado foi preso em flagrante, ele não é natural de Parintins e foi encaminhado até a Delegacia de Polícia da cidade para os devidos procedimentos.

Desde o ano de 2014 a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo suspendeu a venda de bebidas alcólicas na festa de sua padroeira. A vigilância sobre os donos das barracas que comercializam alimentos foi bastante rigorosa, mas em depoimento, muitos deles concordaram com esta medida.

Isto não quer dizer que o comércio de bebidas alcoólicas durante a Festa da padroeira não existiu, ao contrário, em frente da Catedral o comércio foi realizado nos bares. Nas laterais da Catedral, um pouco distante da área do arraial na rua Jonathas Pedrosa, este comércio foi realizado por vendedores ambulantes e bares, alguns improvisados para este período, concentrando uma grande quantidade de pessoas, ao ponto de determinado trecho desta via ficar intransitável. Há algum tempo, esta rua e parte da Avenida Clarindo Chaves ficaram conhecidas como “Inferinho”. Esta expressão é bastante apropriada pelas situações que ocorrem e ocorreram, com maior incidência no período anterior à proibição da venda de bebida alcoólica no arraial, pois na época que havia o bar da festa, muitas pessoas ficavam embriagadas, provocando brigas e confusões. De acordo com os vendedores, via-se de tudo, bêbados, prostituição, brigas, pessoas vomitando, menores consumindo bebidas alcoólicas enfim, um verdadeiro “inferno”. Como relembra o Sr. Ernon Moraes Barbosa (37 anos), proprietário de barraca de brinquedos:

Há dois anos atrás a fiscalização do Conselho Tutelar não era rigoroso. Aí muito fluxo de meninas novas, com certeza, quando não existe fiscalização, com certeza rola prostituição, rola droga, venda de bebidas alcólicas para menores, muita gente mau encarada, essas coisas, com certeza ocorria muitos assaltos, som alto que era insuportável, não é um ambiente para ter um som, confusão demais, principalmente na última noite, que era a noite de terror (Entrevista em 12/07/2017).

Esta descrição feita pelo entrevistado revela o que ocorre nas áreas um pouco distante do arraial onde não existe fiscalização por parte de autoridades e órgãos, Conselho Tutelar por exemplo. Com a proibição da venda de bebida alcoólica no arraial e o policiamento, esta situação vem diminuindo, mas ocorreu ainda na última noite da festa em um determinado trecho da rua Jonathas Pedrosa. Pode-se observar menores consumindo bebidas alcólicas e em situação de risco, a aglomeração de pessoas sem a presença de seguranças, podendo até ter ocorrido o comércio de drogas e até prostituição. O “inferninho” ainda se faz presente na festa de Nossa Senhora do Carmo, um pouco mais distante, mas ainda existindo como resquício das festas realizadas nas áreas rurais e até como resquício desta festa quando era organizada sem a rigidez das regras eclesíásticas, onde a fé e a diversão caminhavam juntas.

Considerações finais

A Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Carmo desde a década de 1955 sofreu mudanças com a chegada dos padres do PIME que disciplinaram as manifestações religiosas populares. Os líderes eclesíásticos corrigiram as práticas consideradas inadequadas para a festa religiosa, pois estimularia os valores inversos aos que são pregados pela Igreja. Porém, a venda e o consumo de bebidas alcólicas, por exemplo, não acabaram, pois os bares e vendedores ambulantes continuam na frente e atrás da área do arraial, e a existência dos “inferninhos” lembra os tempos que esta proibição não existia.

A organização da festa da Padroeira é dirigida por uma Diretoria ou Comissão comandada pelo pároco que autoriza ou não as atividades programadas por esta comissão. Esta característica demonstra a presença do catolicismo renovado na Festa de Nossa Senhora do Carmo, pois os leigos não são autônomos e que os sacramentos e as celebrações religiosas são consideradas a parte mais importante da festa.

A fé e a devoção popular à Virgem do Carmelo é muito forte no município de Parintins e nos municípios da diocese. Foram várias as situações nas quais esta fé foi demonstrada, no círio, nas missas, na procissão, na romaria e no ato de pagar promessa. Mas a importância desta festa não se resume apenas ao aspecto religioso, ao contrário, esta festa recebe um número considerável deromeiros, turistas e devotos de outros lugares que aquecem a economia da cidade. A participação de representantes de órgãos e instituições públicas e privadas nas noites de arraial e missas demonstra o prestígio social e político que goza esta festa.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AQUINO, Maurício de. **História e devoção**: a construção social do culto a Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado de Ourinhos. São Paulo: Edusc, 2011.

AZZI, Riolando. “Elementos para a História do Catolicismo Popular”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR DE PARINTINS. **Estatística de Ocorrências relacionadas a festa de Nossa Senhora do Carmo nos anos de 2014 a 2017**. Parintins, 2017.

BOFF, Frei Clodovis. **Maria na cultura brasileira**: Aparecida, Iemanjá, Nossa Senhora da Libertação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. “A decadência do Catolicismo Popular na região de Parintins (1955-1975)”. In: **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, 1995. Disponível em: «<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14218/12139>». Acesso em: 29/06/2017.

CERETTA, Celestino, Pe.. **História da Igreja na Amazônia Central**. Manaus: Biblos/ Valer, 2008.

CORRÊA. Frei Nuno Alves. “O escapulário do Carmo”. In: PROGRAMA DA DESTA DE NOSSA SRA DO CARMO. Parintins, 1982.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. 2º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GOIS, João de Deus. **Religiosidade popular: pesquisas**. São Paulo: Loyola, 2004.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesial. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Pedro A. “Ribeiro de Catolicismo Popular e romanização do catolicismo brasileiro”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976.

REVISTA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO. Parintins, 2005.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ UniNorte, 2004.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Trad. Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2004.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Historia do Amazonas-sumula para professores**. 4° ed. Manaus: Editora Valer, 2008.